

# *O médico e o rio*

Histórias, experiências  
e lições de vida

ANA CORADAZZI  
LUCAS CANTADORI

**mg**  
MG EDITORES

*O MÉDICO E O RIO*  
*Histórias, experiências e lições de vida*  
Copyright © 2020 by autores  
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**  
Assistente editorial: **Michelle Campos**  
Capa: **Buono Disegno**  
Imagem da capa: **jeneva86/Depositphotos,**  
**gentilmente cedida pela autora**  
Diagramação: **Crayon Editorial**

## **MG Editores**

Departamento editorial  
Rua Itapicuru, 613 – 7ª andar  
05006-000 – São Paulo – SP  
Fone: (11) 3872-3322  
Fax: (11) 3872-7476  
<http://www.summus.com.br>  
e-mail: [summus@summus.com.br](mailto:summus@summus.com.br)

Atendimento ao consumidor  
Summus Editorial  
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado  
Fone: (11) 3873-8638  
Fax: (11) 3872-7476  
e-mail: [vendas@summus.com.br](mailto:vendas@summus.com.br)

Impresso no Brasil

# Sumário

Prefácio – Agora . . . . .	9
Uma rápida explicação . . . . .	13
<i>Ciao, amore.</i> . . . . .	15
Direi que me lembro de vocês . . . . .	19
(Ir)racionalidades . . . . .	23
O médico e o rio . . . . .	27
O gosto amargo das framboesas . . . . .	30
Dois ouvidos, uma só boca . . . . .	34
Hoje é dia de ir ao médico . . . . .	37
Como os médicos morrem? . . . . .	40
A Rainha de Medjugorje . . . . .	43
O vagalume – <i>Lucas Cantadori</i> . . . . .	48
Onde é que dói? . . . . .	52
Eutanásia, por favor . . . . .	55
Além dos olhos . . . . .	58
Gentileza gera... chocolate . . . . .	60
O jeito mais fácil de viver . . . . .	62
Os três lados da moeda . . . . .	64
“Acho que ele pensou que eu já tinha morrido” . . . . .	68
Doutora, você nem imagina... . . . . .	71
Como viver para sempre. . . . .	74
O legado . . . . .	76
Quem está longe, quem está perto . . . . .	78
Obrigado por tudo, doutor – <i>Lucas Cantadori</i> . . . . .	80
A filosofia da lealdade . . . . .	83

“Chique” é não ir ao hospital hoje. . . . .	86
Quando as palavras se tornam dispensáveis . . . . .	89
É justamente por elas... . . . .	91
A vida é dura? . . . . .	94
A médica de cócoras . . . . .	96
Os médicos do fim da vida . . . . .	100
Com a nossa letra . . . . .	103
A teoria do martelo . . . . .	106
A boa viola . . . . .	109
O câncer de cada um . . . . .	112
Sobre despedir-se . . . . .	114
O pacto de silêncio. . . . .	117
O que é coragem para você? . . . . .	120
Quando eu deixo você tocar meu coração. . . . .	124
É só por ela . . . . .	126
Os eucaliptos . . . . .	129
Para quê?. . . . .	131
Cuida de mim? . . . . .	133
Para sempre ao meu lado . . . . .	135
Salva pelo amor – <i>Lucas Cantadori</i> . . . . .	138
As coisas que acontecem depois . . . . .	142
Como coar o café . . . . .	145
A reza . . . . .	148
A dor que vive por trás da dor . . . . .	151
Por onde andam seus olhos que a gente não vê? . . . . .	155
Coragem . . . . .	158
Nós que temos e podemos – <i>Lucas Cantadori</i> . . . . .	163
O sorriso mais lindo do mundo . . . . .	166
Raiva – <i>Lucas Cantadori</i> . . . . .	169
A torcida de branco . . . . .	172
Fique em paz, querido . . . . .	175

# Prefácio – Agora

*Cada pessoa* é uma história. Paramos de contar histórias quando não mais dispomos do tempo para parar, refletir, maravilhar-nos. As histórias são a experiência de alguém sobre os acontecimentos de sua vida, e não os acontecimentos em si.

Quando escrevemos nossas histórias de cuidado, tornamo-nos mais conscientes do sofrimento que ainda temos de curar também em nós – e do fato de que nossas percepções igualmente estão presentes. Lendo histórias de cuidado, percebendo a transformação/transmutação que acontece quando a comunicação consciente ocorre, transformamo-nos em “alimento” uns para os outros.

Os autores deste livro, Ana e Lucas, deixam isso claro, e mostram-se preocupados com a habilidade, no quesito comunicação interpessoal, que o médico adquire (?) nos cursos de graduação. Questionam, ainda, quando (ou depois de quanto tempo) ele é capaz de desenvolver a habilidade comunicativa adequada para dizer com tranquilidade: “O que você acha de pararmos de nos preocupar com sua doença e dirigir nossos esforços para melhorar ao máximo a sua convivência com ela?”

Sim, estamos falando de “médicos do fim da vida” – que criam vínculos mesmo sabendo que perderão a luta contra a doença e se dispõem a acompanhar e compreender o outro para qualificar sua vida enquanto ela existir. Sabem que qualquer ser humano é maior que sua doença. São médicos que entendem que a falta de tempo para ouvir os faz “gastar o dobro do seu tempo precioso explicando complicações que não previu, corrigindo diagnósticos malfeitos, interpretando exames desnecessários, esclarecendo pela quarta vez a mesma dúvida”.

São médicos que entendem que comunicar é ir além da relação com os sintomas físicos do paciente (“ignorar os componentes não físicos dos sintomas é o mesmo que ignorar nossa complexidade”). Profissionais que aprenderam que a prática da atenção na conversação (que é fonte de nutrição!) requer deixar de lado preconceitos, estereótipos, julgamentos.

O mundo é um todo energético e a troca entre as pessoas acontece nas falas e ações, na postura corporal, no toque, nas maneiras de aproximação. Ao ouvir, ver e sentir o que o outro desperta em nós, conectamo-nos ao estado de compaixão – sentimento que gera/alimenta nossa vontade, nossa intenção de cuidar. Nossa comunicação não é neutra. Aprendi, ao longo de décadas cuidando, que, assim como uma bela planta pode produzir belos brotos, folhas, flores e frutos, um belo ser humano pode produzir belos pensamentos, falas e ações.

Hoje, temos instrumentos de comunicação diversos (internet, e-mails, videoconferência, aplicativos, livros), mas por trás de todos eles está a mente. Se nossa mente estiver “bloqueada”, não há equipamento que consiga transpor nossa incapacidade de nos comunicar e aprender com as experiências alheias.

É com a mente aberta para trocar com o outro, para partilhar momentos (*communicare* = compartilhar, tornar comum) que aprendemos e identificamos a criança no idoso, a paz no caos, a gentileza na dor, o valor do silêncio, a paciência de cuidadores, a tristeza que se transmuta em saudade, a força dos pais que acompanham a terminalidade de seus filhos, a gratidão, a importância da postura corporal inclusiva, do olhar direto, do toque afetivo e das muitas e únicas expressões de amor entre pessoas. Sem negar a existência da decepção, do cansaço e da irritação.

É a nossa vontade de ajudar o mundo a sofrer menos que deve nos fazer notar se nossa ação/atuação/presença é tóxica ou compassiva. Se estamos sendo remédio (terapêuticos) ou veneno (iatrogênicos). É nossa intenção de ajudar as pessoas a sofrer menos que nos

leva a escutar e a entender o sofrimento (nosso ou de qualquer outro ser humano), permitindo que a compaixão e o amor nasçam. É preciso ter em mente que o sofrimento não liberado e reconciliado permanecerá e nos trará mais angústia e medo. Entendê-lo faz que surja a compaixão. Quíron, a figura mitológica do curador ferido: cuidando se cuida!

Quando sofremos menos, conseguimos entender com mais facilidade o sofrimento dos outros. Nesse estado de ser, nossa comunicação está baseada no desejo de entender, e não no de provar que estamos certos. Compreender diminui a dor e aumenta a alegria. Precisamos de pessoas felizes neste mundo.

Oxalá, lendo este livro de histórias/experiências, caro leitor, você consiga se recordar (*re-cordis*: voltar a passar pelo coração) da beleza e do potencial da comunicação e da importância de estar inteiramente presente ao cuidar. O livre-arbítrio acontece quando somos capazes de libertar o sofrimento, a culpa, a desculpa e transmutar/crescer/transformar nossa prática, nossas ações, nossa vida. Recordar sempre... Afinal, essa é a beleza e o desafio do ser humano.

Diz um provérbio zen-budista: “Se não agora, então quando?” Obrigada, queridos Ana e Lucas, por terem escrito este livro! Bênçãos para vocês.

Com carinho, gratidão e admiração,

PROFA. DRA. MARIA JÚLIA PAES DA SILVA

Professora titular da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP), autora de *Comunicação tem remédio e O amor é o caminho – Maneiras de cuidar*

# Uma rápida explicação

*Caro leitor, cara leitora,*

O livro que você tem em mãos é composto por textos que escrevi ao longo dos últimos cinco anos. Alguns deles publiquei no meu blogue No Final do Corredor ([www.nofinaldocorredor.com](http://www.nofinaldocorredor.com)), outros são inéditos. A fim de enriquecer esta obra, convidei meu colega Lucas Cantadori, que já colaborou com alguns textos no blogue e tem um olhar ímpar para as questões da vida e da morte.

No momento em que a editora preparava os originais para publicação, a pandemia de Covid-19 suspendeu o trabalho por alguns meses, mas continuei escrevendo e produzindo. Agora que voltamos ao “novo normal”, será um prazer dividir com você as lições de vida dos pacientes que tivemos a sorte de conhecer.

Os textos não seguem uma ordem determinada. Porém, começamos falando da pandemia e em seguida apresentamos o artigo que dá nome a este livro. Escrito em maio de 2016, ele foi divulgado nas redes sociais e viralizou, fazendo que aumentasse ainda mais minha vontade de ver essas histórias publicadas. O nome das pessoas envolvidas e alguns de seus dados foram trocados para manter sua privacidade – exceto os de Gisele (“O sorriso mais lindo do mundo”) e Luiz Roberto (“A Rainha de Medjugorje”), que fizeram questão absoluta de que sua identidade fosse revelada para que pudessem ajudar outras pessoas com suas experiências de vida. É de pessoas assim, generosas e especiais, que este livro fala.

Espero que você goste do livro e que seja tocado(a) pelas histórias aqui contidas.

Com carinho,

ANA CORADAZZI

## *Ciao, amore*

*Uma tristeza, profunda* e sombria, invadiu meu coração quando ouvi os relatos vindos da Europa, descrevendo corpos sendo “velados” em ringues de patinação no gelo, filas de caixões se acumulando pelas ruas e placas nas portas dos hospitais proibindo visitas de qualquer natureza. A sensação de que há algo muito errado nisso tudo não saiu do meu peito. Não estou falando apenas da pandemia em si. Quanto mais ela se espalha pelo mundo, abalando suas bases e fazendo que transformações inacreditáveis aconteçam em tempo recorde, mais penso em como a natureza sempre acha uma maneira de mostrar a que veio, e faz com que nos curvemos a ela. É trágico, doloroso e assustador, mas é o que a natureza é. O que me dói de verdade é ver o que fazemos com isso.

Há alguns anos, fiquei encantada por um projeto de enfermeiras americanas que, tocadas pelo número de pacientes que morriam sozinhos em hospitais, desenvolveram um programa voluntário chamado NODA (*No one dies alone*, ou Ninguém morre sozinho). É na verdade bastante simples: voluntários se revezam fazendo companhia a pessoas que estão vivendo seus últimos momentos e não têm familiares ou amigos disponíveis para estar ali. Eles oferecem algo tão – ou mais – valioso quanto o cuidado da equipe de saúde em si: dignidade. Sempre me lembro da beleza do projeto NODA quando deparo com pacientes sozinhos no leito de morte, e em geral conseguimos proporcionar alguma forma de companhia e atenção para que tenham de quem se despedir – mesmo que seja da própria equipe de saúde, que acaba se tornando sua família. A morte com companhia não é simplesmente uma morte. É o fim de uma história que valeu a pena ser contada.

Mas a Covid-19 parece ter atropelado essa percepção da sacralidade dos momentos finais. A imensa capacidade de contágio do vírus e os enormes estragos que ele pode fazer espalharam muito mais que uma doença: impregnaram as pessoas de medo. E o medo, sabemos bem, atropela a solidariedade, a compaixão e a dignidade com uma facilidade impressionante. Ele nos transforma em seres irracionais.

Num dos dolorosos relatos a que assisti, um senhor bastante idoso, aparentemente cerca de 80 anos, cujo emagrecimento denunciava a presença de alguma doença crônica em fase bem avançada, lutava para conseguir falar com a esposa, tão idosa quanto ele, usando um tablet. Os dois choravam, se despediam, tocavam os dedos através da tela luminosa, numa cena de partir o mais duro dos corações. Fiquei pensando nos anos que eles passaram cuidando um do outro, numa promessa (explícita ou não) de estarem juntos até o final. A esposa muito provavelmente era a responsável pelos cuidados que a doença de base do marido vinha exigindo nos últimos meses ou até anos. Certamente ela estava com ele quando os sintomas da Covid-19 se iniciaram, e talvez tenha sido ela quem o levou à primeira avaliação médica, quando ele tinha apenas uma tosse seca, dor de garganta e uma febre, e os médicos a orientaram a levá-lo para casa e mantê-lo em isolamento, só retornando caso ele começasse a sentir falta de ar.

Eu podia vê-la se esforçando para manter a casa impecavelmente limpa, esterilizando objetos e evitando contato desnecessário, fazendo todo o possível para isolá-lo, mas ao mesmo tempo beijando-o antes de dormir, como fez a vida toda, sem nem pensar no risco de ela própria se contaminar. Por mais que se esforçasse, aquela senhora nunca aprendeu os princípios necessários para que a contaminação num caso desses não aconteça. Ela não compreende como o vírus flutua em gotículas de saliva e se deposita em superfícies, e por lá fica esperando alguém que o leve para infectar outro corpo. Ela não vê quando o tal bicho se acomoda em suas mãos, lábios e rosto. Então seu marido piora, não consegue respirar e precisa ir ao hospital. E os médicos lhe explicam que não poderão salvá-lo, porque as condições clínicas dele não